

50 anos de ciência, tecnologia e inovação em Santa Catarina

Reney Dorow¹

Embora os termos do título acima não fizessem parte do vocabulário do final do século 19, foi naquele período, mais precisamente em 1895, que Santa Catarina deu o primeiro impulso na pesquisa agrícola com a criação da Estação Agrônômica e Veterinária em Rio dos Cedros, no município de Blumenau. Era uma época distinta, na qual o principal objetivo do governo era ocupar o território catarinense com imigrantes europeus e adaptar ao território tropical os conhecimentos tecnológicos trazidos por eles.

Décadas mais tarde, na esteira da fundação da Embrapa em 1973, abriu-se espaço para criação das organizações estaduais de pesquisa agropecuária (OEPAS). Dois anos depois — em 1975, a criação da Empresa Catarinense de Pesquisa Agropecuária (Empasc), advinda especialmente da estrutura original do Mapa em SC, marcou o início de uma trajetória sólida e organizada de pesquisa no Estado. Sob a liderança de José Oscar Kurtz, a Empasc estruturou equipes, métodos e prioridades para dar respostas aos desafios de uma agricultura que precisava se diversificar e se modernizar.

A década de 1970 foi marcada por uma Santa Catarina majoritariamente rural, com áreas urbanas e industriais em expansão. O cenário produtivo de 1975 foi retratado na Síntese Anual da Agricultura, publicação do então Instituto de Planejamento e Economia Agrícola. Naquela época, o Estado cultivava o milho em quase 1 milhão de hectares, mas com uma produtividade ainda limitada a pouco mais de 2,2 toneladas por hectare. O arroz irrigado ocupava em torno de 75 mil hectares, também com rendimentos modestos de 2,4 toneladas por hectare, ligeiramente inferior à produtividade do arroz de sequeiro.

Em 1975, a fruticultura de clima temperado dava seus primeiros passos, registrando uma produção de cerca

de 5 mil toneladas de maçã. Esses números, que hoje parecem distantes, só puderam ser transformados graças ao trabalho da pesquisa agropecuária que, desde então, se debruçou sobre o desafio de gerar tecnologias adaptadas à realidade catarinense.

Em 1991, a Empasc se uniu a instituições de extensão rural, pesca e apicultura (Acaresc, Acarpesc, Iasc), dando origem à Epagri, que incorporou em 2005 também o Instituto de Planejamento e Economia Agrícola. Essa integração foi decisiva para que a pesquisa dialogasse de forma ainda mais efetiva com os agricultores, levando ao campo inovações que revolucionaram a produção. Foi assim que tecnologias como o plantio direto se disseminaram, garantindo sustentabilidade e aumento de produtividade, e que cultivares desenvolvidos pela pesquisa catarinense ganharam espaço nas lavouras, oferecendo resistência a pragas, adaptação ao clima e qualidade ao produto final.

O resultado desse esforço coletivo é visível nos números atuais. O milho, por exemplo, registra uma produtividade quatro vezes superior ao daquela época. No arroz irrigado, Santa Catarina alcançou produtividade média superior a 8 toneladas por hectare, posicionando-se como o segundo maior produtor do Brasil. Na fruticultura, a pesquisa transformou um cultivo incipiente em uma cadeia produtiva altamente competitiva, colocando o Estado na liderança nacional da produção de maçã, reconhecida pela qualidade de suas variedades, algumas inclusive cultivadas em outros continentes.

Essas conquistas não são obra do acaso. São fruto de gerações de pesquisadores que, amparados em áreas fundamentais como melhoramento vegetal, fitossanidade, engenharia rural e socioeconomia, traduziram ciência em soluções para o agricultor. Cada avanço nos índices de produtividade,

cada redução nos custos de produção e cada tecnologia que permitiu produzir com menos impacto ambiental carrega a marca da pesquisa agropecuária feita em Santa Catarina, pela Epagri.

Mas será que o êxito do passado, construído sobre os alicerces da pecuária, da fitotecnia, da engenharia rural e da socioeconomia seguirá sendo o passaporte para enfrentarmos os próximos 50 anos de desafios crescentes? Ao projetarmos o olhar para o futuro, tornam-se evidentes os novos arranjos voltados à inovação e à geração de valor na agropecuária. Nesse cenário, ganham força processos e métodos de pesquisa que buscam soluções locais inovadoras, capazes de contribuir para a expansão da produção global de alimentos.

Precisamos nos manter atentos às mudanças climáticas e ao desafio permanente de construir uma agricultura mais sustentável. Nesse contexto, a agricultura digital ganha espaço no cotidiano do campo, especialmente entre uma nova geração de agricultores que escolhe permanecer na terra, mas agora conectada ao universo virtual, acessando informações estratégicas para produzir e comercializar seus produtos.

Acelerar processos de inovação por meio do uso de tecnologias ômicas torna-se um imperativo a ser alcançado, seja de forma direta ou por meio de arranjos estratégicos. Também não podemos subestimar o elevado potencial dos bioinsumos na alavancagem de uma produção mais limpa e sustentável, capaz de mitigar os riscos dos sistemas tradicionais de produção agropecuária e garantir alimentos mais saudáveis e seguros na mesa do consumidor.

A nova dinâmica de geração de valor por meio da inovação aberta deve ser considerada, e cabe a nós reconhecer que não somos os únicos no ecossistema de inovação no território.

¹Eng.-agr., MSc., Diretor de Ciência, Tecnologia e Inovação da Epagri, e-mail: reney@epagri.sc.gov.br

Afinal, passamos de um cenário em que o setor público respondia por 80% das inovações agrícolas no mundo no século passado, para uma participação atual de apenas 20%.

Celebrar 50 anos de pesquisa é, portanto, reconhecer que o desenvolvimento do Estado só foi

possível porque ciência, tecnologia e inovação se tornaram parte inseparável da vida no campo. É também olhar para frente e compreender que os desafios das próximas décadas — das mudanças climáticas à agricultura digital, do uso de bioinsumos à aplicação de tecnologias ômicas — só poderão ser enfrentados

se mantivermos viva essa capacidade de pesquisar, inovar e transformar. Ao reafirmar seu compromisso com a pesquisa, a Epagri renova também o compromisso de Santa Catarina com uma agricultura sustentável, produtiva e cada vez mais conectada com o futuro.



Saiba por que a agricultura catarinense evoluiu tanto nos últimos 50 anos.

www.epagri.sc.gov.br